

HISTÓRIA, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA: MULHERES GREVISTAS NO ESPAÇO PÚBLICO

Diênifer Alves Ramos da Rosa¹, Alessandro Carvalho Bica²

¹ Licenciada em Letras - Universidade Federal do Pampa, ardienifer@gmail.com

² Prof. Dr. - Universidade Federal do Pampa

57

O CPERS/ Sindicato (Centro de Professores Estaduais do Rio Grande do Sul) ao longo dos seus 75 anos de história tem representado professores, funcionários de escola e especialistas da rede estadual de educação que em sua grande maioria são mulheres. Sendo assim, meu objetivo é identificar possíveis situações de repressão impostas a estas mulheres por ocuparem espaços públicos através das mobilizações do sindicato no período de 1979 a 1991 em meio ao processo de transição do regime civil-militar para a abertura política. Seguindo os prismas da história oral foram realizadas entrevistas com cinco professoras integrantes das mobilizações da categoria. A partir da análise dos dados foi possível perceber que a ocupação de espaços públicos por essas mulheres se deu em meio a situações de repressão e violência com características específicas e não só por parte do Estado, como da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Repressão; Mulheres; Sindicalismo; Greve.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa serão apresentados os relatos de integrantes e ex-integrantes do 17º Núcleo do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/ Sindicato) que participaram dos movimentos grevistas desenvolvidos pela instituição no período de 1979-1991. Tenho como objetivo principal identificar possíveis situações de repressão ou discriminação impostas a estas mulheres devido a sua atuação no meio sindical.

É importante destacar que esta é apenas uma parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé) em 2019. Sendo assim, a justificativa desta investigação está diretamente ligada ao curso pois compreendo que, como curso de graduação que forma quase que unanimemente professoras mulheres, reconhecer a luta das que vieram antes de nós serve não só para proporcionar novas perspectivas para o futuro, como também para compreender os processos que perpassam a nossa luta enquanto mulheres dentro da sociedade.

Para começar é preciso situar o momento histórico que a sociedade brasileira vivia. Ainda que o país já experimentasse certas transformações pelo

processo de abertura política, como o fortalecimento da sociedade civil e movimentos sindicais, muito do que se viveu desde 1964 ainda pairava no ar.

Segundo Reis (2010), o dia a dia era um vai e vem de medidas mais ou menos ostensivas, como por exemplo, ameaças de intervenção nos sindicatos, cassação de lideranças e uso de violência contra grevistas.

Era neste contexto que o CPERS/ Sindicato estava inserido, e foi ele que possibilitou que a luta das professoras tomasse corpo. Não sem os percalços mencionados acima e muitos outros, pois, segundo Bastos (2004), elas estavam prestes a romper com duas hierarquias: a de gênero, neste momento ainda muito enraizada na sociedade brasileira, e a do próprio poder instaurado com o golpe de 1964.

METODOLOGIA

Como instrumento de coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 5 integrantes da instituição no período aqui investigado. Foi utilizado um questionário com 10 perguntas abertas, a fim de organizar o relato das participantes. As entrevistas foram gravadas e tiveram duração média de 90 minutos.

Esta pesquisa segue os princípios da História Oral (SENNA e MATTOS, 2011) pois, segundo os autores, esta ferramenta privilegia as trajetórias dos indivíduos e grupos, e também que as especificidades das sociedades devem, não só ser conhecidas, como respeitadas.

Para preservar a identidade das professoras foram utilizados pseudônimos¹ designados pela autora, estes fazem referência a importantes figuras femininas latino-americanas que, assim como as participantes da pesquisa, tiveram suas vidas marcadas pela luta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo geral todas as participantes mencionaram o clima tenso e o mal estar provocado pela constante possibilidade de que alguma ação pudesse ser

¹ Eva, Olga, Anita, Luz e Petrona.

tomada por parte do Estado, mesmo já durante o processo de abertura política “lenta, gradual e segura.”

Para começar, Luz (2019) diz que tudo foi feito com muita dificuldade e medo, mas também demonstra um posicionamento de resistência perante respostas que pudessem receber do regime, independente de quais fossem.

No momento em que essas mulheres não só decidiram não voltar para a escola ou para a cozinha e saíram às ruas mostrando que eram muitas e que não se calariam, a resposta foi a repressão através da violência.

(...) a gente fez passeata, fez caminhada com os cachorros do lado, com a guarda montada a cavalo, com cacete na mão. **Teve professor que quebrou o dedo na porta do Palácio tentando entrar, fecharam a porta na mão dele.** Eram empurrões, nos derrubavam (...) Se tivessem que desmanchar uma caminhada eles desmanchavam com os cavalos, colocando os cavalos por cima. Os cachorros policiais eram desse tamanho e acompanhavam. O intuito era amedrontar mas nunca surtiu efeito de desistir em função disso. (PETRONA, 2019, grifo meu)

Ela também menciona as tentativas de impedir que os ônibus do interior chegassem até a capital para as manifestações e assembleias gerais do sindicato:

Tiveram situações de saírem ônibus de Bagé e fecharem todas as entradas de Porto Alegre e o motorista ficar fazendo voltas e voltas tentando entrar e a polícia não deixando, fazendo barreira. E a gente tendo que fazer atalhos, tendo que voltar por não sei onde para conseguir chegar em Porto Alegre. Sempre a dificuldade foi muito grande mas nunca se desistiu. (PETRONA, 2019)

Ao longo dos relatos a atmosfera de tensão vivida por elas vai tomando outras proporções, conforme narra Olga (2018):

Nós fomos para Porto Alegre com dois ônibus de Bagé para fazer uma passeata que foi feita pela manhã partindo da rodoviária com motoristas de táxi colocando os táxis por cima de nós. E nós fizemos aquela caminhada! (...) Estamos voltando do almoço, atravessando na frente da Catedral e nunca tínhamos visto tantos brigadianos juntos. E eram só homens na Brigada naquela época. (...) A Brigada se posta numa linha de três homens, eram três linhas de homens entre o Palácio e nós. E nós subimos! E eu estava na primeira fila (...) E eu fiquei nariz a nariz com o brigadiano da minha frente, se ele piscasse eu dava nele.

Já quanto ao resto da sociedade, não haviam cassetetes ou empurrões, a repressão se dava de modo a assustá-las e muitas vezes partia de onde menos

esperavam. Olga (2018) e Luz (2019) comentam o descontentamento dos familiares ao saberem de seu envolvimento com o movimento grevista.

Enquanto os demais procuravam desmerecer sua luta, demonstrar que, como mulheres, aquele não era seu lugar.

60

As mulheres eram mal vistas, era aquela função de: **“Ah, vão para casa! Vão dar aula para as crianças!”** Quando saíamos na rua, quando fazíamos caminhadas, a gente sempre ouviu xingamentos e nunca aprovação. (PETRONA, 2019, grifo meu)

Inclusive repetindo o antigo hábito de atacar mulheres que decidiram cruzar a fronteira dos lugares que lhes haviam sido reservados, como narra Anita (2019) **“A gente passou por pessoas que nos chamavam de vagabundas e nos mandavam ir trabalhar.”** (Grifo meu)

E se engana quem acredita que as escolas eram lugares livres de discriminação para elas, Luz (2019) diz que as professoras grevistas eram discriminadas também dentro das escolas.

Aí convocaram para a greve e lá no colégio só haviam duas professores em greve: eu, que era professora de biologia, e uma colega que era professora de inglês. Então a gente ria muito pois quando chegávamos na sala dos professores parecia que a gente estava com lepra pois todos iam saindo (...) A professora de inglês, que era minha companheira de greve, dizia assim: “Agora tu entra e o pessoal sai, a gente senta e tu pega um cafezinho.” Mas nós nem aí, conversando com elas como se nada estivesse acontecendo e elas conversavam mas a gente sentia que era com certa reserva, né?

A partir do relato de Luz (2019) é possível perceber, ainda que disfarçado em meio a seu bom humor, certo isolamento e segregação entre as professoras que participavam da greve e as demais.

Além disso, ela menciona ocasiões em que as próprias colegas tentavam adotar atitudes discriminatórias com ela e outra companheira de greve:

As gurias diziam assim: **“Vocês não tem vergonha?”** E a diretora também: “É esse o exemplo que vocês dão para os alunos de vocês?” E a gente respondia: “É, é lutar pelo salário deles!” Mas não só pelo salário porque a gente lutava por tudo, como eu te disse, naquela época a escola não tinha nada então **a gente lutava pelo salário mas também pela escola**, merenda para os alunos que não tinham. (LUZ, 2019, grifo meu).

Luz (2019) justifica o comportamento das colegas com o medo que dominou este período devido as ameaças que a categoria enfrentava, mas também fazendo clara menção a crença de que as mulheres não pertenciam a esse ambiente, de que estavam fazendo algo errado, ou até imoral.

61

Eu acho que uma das coisas era medo, medo de perder o emprego. E em segundo lugar porque era feio, né? **“Onde já se viu mulher fazendo greve? Ainda mais professora.”** “O que vão dizer?” “Elas ao invés de ensinar os filhos ficam ensinando a fazer greve.” (Grifo meu)

Ou seja, fica clara a reprodução de uma conduta discriminatória entre as demais colegas, inclusive dentro do ambiente escolar, comportamento que, claramente, tinha o objetivo de constranger e fazer com que as professoras voltassem a seus devidos lugares.

CONCLUSÃO

A partir dos dados expostos acima e procurando responder ao objetivo desta pesquisa, é possível afirmar que a repressão se deu de diferentes modos e ainda que ela não tenha parado sua luta, certamente, foi um fator a mais pesando na lista de preocupações com as quais elas lidavam diariamente por ocuparem espaços públicos. Em contraste, por exemplo, com a situação dos homens, que ocupavam com os percalços característicos do momento histórico mas sem julgamentos e cobranças específicas pelo seu sexo.

Para finalizar, é fundamental destacar o papel pioneiro que essas mulheres tiveram ao abrirem caminho para que outras também pudessem estar presentes nesses ambientes reivindicando seus direitos com o restante da sociedade. Ainda assim, é igualmente importante mencionar que sua presença nestes espaços não significou, necessariamente, a libertação de seus papéis diante da sociedade.

REFERÊNCIAS

BASTOS, N. S. **Mulheres em armas**: memória e militância feminina contra o regime militar brasileiro, 2004.

CENTRO DE PROFESSORES ESTADUAIS DO RIO GRANDE DO SUL/ SINDICATO. **CPERS/ Sindicato 50 anos**: Compromisso com a cidadania plena. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1995.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História Oral como Fonte**: problemas e métodos, 2011.

REIS, J. R. F. **O Coração do Brasil bate nas ruas**: a luta pela redemocratização do país. In: PONTE, C. F. e FALLEIROS, I. Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história. Rio de Janeiro: FioCruz/ COC, 2010, p. 219 - 236.